

# O I PORTUGAL-ESPANHA

## em xadrez

### e outros acontecimentos da semana

1 — A disputa do I Portugal-Espanha em xadrez, que terminou com a vitória dos jogadores espanhóis e à qual nos referiremos desenvolvimentos no próximo número; 2 — Pedro Escarmona, preferindo a sua «chess» perante os árbitros libaneses; 3 — Os atiradores agorados para as malas-finais do torneio de 3.ª — Os atiradores agorados para as malas-finais do torneio de 3.ª; 4 — Félix Bermudez toma posse do cargo de presidente do S. L. Benfica, por entre calorosas aplausos.



## UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfalataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.ª tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou tabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur». Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.ª maior perfeição e não paga luxo.

## CHAVES

para portas, malas, cofres e automóveis FAZEM-SE

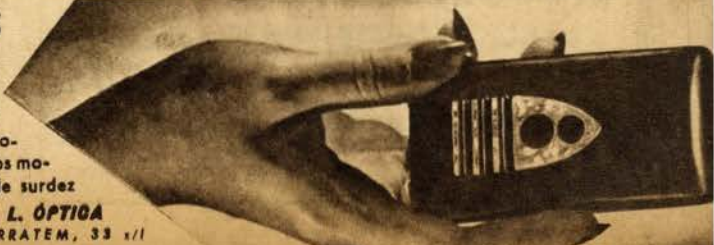
Rua da Mouraria, 3 (frente ao Cinema) Telefone 28050



## SURDOS

## SONOTONE

Não é usado ao acaso. É adaptado de harmonia com os audiogramas respectivos. Existem muitos modelos para os diferentes casos de surdez Experimentem-no **AGENCIA G. P. L. ÓPTICA** na PÓÇO DO BORRATAM, 33 x/1





# O I PORTUGAL-ESPANHA

nosso baptismo internacional na modalidade

Apontamentos e comentários por VASCO SANTOS

**A** Espanha venceu. Venceu com mérito indiscutível, por esmagadora diferença de «score» — apesar de não traduzir com fidelidade a luta travada nos oito tabuleiros. Enquanto uns ganharam, outros perderam. É a inesorável lei das competições, que só o verdadeiro espírito desportivo compreende e ameniza. Saímos vencedores desta prova, que pode designar-se por dura, mas não diminuídos. Isto significa que não há motivo para desânimos, antes estímulo, porque os nossos xadrezistas bateram-se de igual para igual — mesmo os vencidos. O encontro em Madrid espera-nos. Até lá deve-se trabalhar e progredir — e o resultado será certamente outro.

## Ao cabo da 1.ª sessão os espanhóis ganhavam por 5-3

Como se sabe, o encontro disputou-se no casino do Estoril. A primeira sessão foi presidida pelo sr. sub-secretário de Estado da Educação Nacional e teve a assistência do sr. dr. Ayala Botto, inspector da Direcção Geral de Desportos. Os encontros foram dirigidos pelo presidente da Federação Espanhola de Xadrez, sr. Marquês de Montecorto, e pelo sr. dr. Mário Machado, director efectivo do torneio.

Feita a chamada dos jogadores, por entre calorosos aplausos, e depois de soarem os hinos nacionais dos dois países — começou o I Portugal-Espanha em Xadrez, nosso baptismo internacional na modalidade.

Em todos os tabuleiros, os primeiros lances jogaram-se com rapidez, e evidente nervosismo, em especial por parte dos portugueses. A abertura era dos capítulos de jogo que maiores preocupações nos traziam, por se conhecer o progresso dos espanhóis no campo da teoria e a deficiente preparação de parte dos jogadores nacionais.

No entanto, passou-se à fase do jogo médio com manifesto equilíbrio. Após quatro horas de competição começaram a definir-se posições. Com os empates Llorens-Carlos Pires e Peréz-Russell, com poucos minutos de intervalo, verificaram-se os primeiros resultados da jornada. Llorens desenvolveu bom jogo posicional, exercendo sempre certo predomínio. Pires fez a defesa ortodoxa e, dentro do espírito da abertura, deu boa réplica. Russell deve ter feito uma das suas melhores partidas. Peréz optou por uma abertura que raramente se joga nos nossos torneios, principalmente em provas internacionais: a abertura Bird-1. f2-f4. Russell chegou a ter a iniciativa mas contentou-se com o empate.

Portugal foi o primeiro a marcar, por intermédio de Rui Nascimento, que bateu António Frias numa partida conduzida com muito acerto e boa técnica. Pouco depois assistiu-se ao resultado mais sensacional de todo o encontro: Francisco Lupi, em forma que pode dizer-se estupenda, derrotava António Medina, campeão de Espanha, numa partida que honrou ambos os contendores. O mestre espanhol teve ligeira vantagem posicional de começo, mas o excesso do tempo de reflexão acarretou-lhe a derrota.

Em data altura, novo momento de emoção, pois tudo indicava que Portugal, então a vencer por 3-1, mas com três tabuleiros em péssimas condições, ia contudo conseguir um honroso empate: João Mário Ribeiro dominava Arturo Pomar, «el niño prodígio». Depressa se desvaneceram porém, as esperanças dos portugueses. Ribeiro, «apertado» pelo tempo, não conseguiu dominar os nervos. Pomar mostrou então ser realmente um jogador extraordinário. Com escassos minutos para uma dezena de lances, jogou até o fim com admirável presença de espírito e precisão, ao passo que o nosso jovem representante cometia um erro grave, já de todo desorientado. A Espanha diminuía assim o «score» para 2-3 e, pouco depois, triunfava sucessivamente nas três restantes partidas, fixando o resultado da primeira sessão em 5-3 a seu favor.

## Na 2.ª sessão os portugueses não foram além de meio ponto

A segunda sessão teve de novo a presidência de honra do sr. sub-secretário de Estado da Educação Nacional, que foi cumprimentado pelos componentes das duas equipas. A assistência distinguiu particularmente com os seus aplausos o jovem Arturo Pomar, João Mário Ribeiro, Francisco Lupi e Rui Nascimento. A colónia espanhola estava presente em grande número.

Os representantes da imprensa foram autorizados a percorrer os tabuleiros e seguir de perto as partidas, facilitando-se assim a respectiva apreciação.

Vinte e uma horas, João Mário Ribeiro dá começo à sessão, deslocando à 4.ª casa o Peão do Rei. Quasi simultaneamente, António Medina, Gabriel Russell, Nandim de Carvalho e António Frias imitam-no. Carlos Pires e Albareda jogam o P4D. Fuentes opta por P4BD. Os lances sucedem-se em todos os tabuleiros, em ritmo acelerado, que demonstra conhecimento da matéria por parte dos grandes campeões ibéricos. As alavancas dos relógios de «controle» não param. É impossível seguir todas as jogadas.

Começamos a nossa volta em torno dos oito tabuleiros. Aproximamo-nos do primeiro, no qual se defrontam, pela segunda vez, os dois mais jovens mestres do mundo — Pomar e Ribeiro. O português moveu o PD à quarta

(Continua na pág. 15)



1—Lupi, campeão de Lisboa, profundamente concentrado, executa um lance. Medina, campeão de Espanha, observa; 2—O duelo entre os dois mais jovens Mestres do Mundo: Pomar e João M. Ribeiro; 3—Russell aguarda que Peres, campeão de Madrid, faça uma jogada; 4—Albareda joga, enquanto Leonel Pires, campeão do Porto, aguarda o «reconhecimento»; 5—Nascimento e Frias, campeão andaluz, vistos durante o «match»; 6—O dr. Ayala Botto ao felicitar o jovem Arturo Pomar; 7—Carlos Pires cumprimenta Llorens, sub-campeão de Espanha, após o empate.





# Dois relatórios de gerência

## Federação Portuguesa de Ciclismo

**A**BRANGE dois anos—1943 e 1944. Com a alegação de que o primeiro já vai longe e de que o segundo não teve actividade que obrigue a largas referências, o relatório da direcção da F. P. C. é acentuatamente curto. É um relatório de mais importante, em poucas linhas. Basta, porém, para dar ideia das dificuldades com que aquela federação luta.

O ano de 1943 decorreu ainda com a organização antiga—como União Velocipédica Portuguesa. Fez por isso as suas provas tradicionais, desde os 30 Quilómetros de abertura, até aos campeonatos do país. No último ano, organizou apenas estes. O número de licenças, prova do número de corredores em actividade, baixou de 287 para 197. Em 1944, registaram-se, todavia, 66 licenças especiais de ciclo-turistas, criadas pela nova estrutura da federação.

Alude-se neste relatório à iniciativa de «Curso de Aperfeiçoamento de Ciclistas», falando-se no Stadium do nosso próximo futuro. A referência é ligeira, afirmando-se, no entanto, que foi brilhante e útil e que alcançou o melhor êxito. É dever nosso agradecer a defecção, embora a iniciativa da Stadium pudesse merecer comentário mais amplo, visto que incluiu também a organização de uma prova por etapas, para iniciados.

## Gimnásio Clube Português

Não recordamos se o Gimnásio tem por costume dar aos seus relatórios de gerência o relevo que lhe dá este ano. O relatório da 1943-1944 é, sem fôrça, um trabalho notável na explanação dos actos directivos, da situação de clube e do funcionamento das suas aulas, com poder de discriminação e análise que foi até à inclusão de dois relatórios médicos. Num deles, relativo às classes femininas, faz a dr.<sup>a</sup> D. Maria Luísa da Palma Carlos um resumo de observações que comprovam os benefícios da educação física nas raparigas. O dr. Elísio de Montargil trata das classes masculinas. Em qualquer destes trabalhos apontam-se indicações, embora em globo, acerca de mensurações, aumento e diminuição de pesos. Todas estas notas são curiosas como expressão do cuidado que as classes merecem ao corpo clínico do Gimnásio.

São também curiosas as notas respeitantes à frequência das classes. A ginástica teve 866 alunos, em 1943. No ano imediato, subiu este número a 577, ainda que retirando daquele os alunos que se dedicam à ginástica artística, considerada depois como treino, e não como classe. O jogo de pau, a esgrima e o pugilismo, tiveram, em 1943, 4, 18 e 18 alunos, para 5, 17 e 21 em 1944. No que respeita a secções desportivas, as que registaram maior movimentação foram as de esgrima e tiro.

Nas duas gerências, conquistou o Gimnásio mais quatro trofeus, elevando assim o respectivo total a 120. Também aumentou o número de sócios: 1291, em 1943, e 1351, em 1944.

Verifica-se, pela leitura do relatório, que as direcções do Gimnásio continuam a ter a sua melhor atenção aos alunas das Relíquias Históricas e das Fotografias de clube. O Album n.º 1 das Relíquias compreende: período de 1875 a 1924, praticamente os primeiros cinquenta anos do clube, o n.º 2 vai de 1925 a 1943 e o terceiro está em marcha. As fotografias ficaram devidamente arrumadas em 5 alunas. A direcção de 1943 e 1944 não descurou, pois, a história do clube, nem que respectiva iconografia.

O relatório de 1943 e 1944 é, pois, um documento que prestigia o Gimnásio.

## Ao redor do Portugal-Espanha

(Continuação da página 2)

E a Federação pensa nêles...

—Estamos já a organizar a viagem à Coruña—confia-nos o dr. Vergílio Paula.

«As nossas diligências começaram no sentido de conseguirmos que esta viagem se torne fácil, pouco fatigante. Temos enorme responsabilidade, mas estamos convencidos da eficiência destes três jogos internacionais — e da sua grande utilidade.

«A ida à Suíça vai merecer-nos cuidado metucioso, atendendo às dificuldades da deslocação, em face da situação de algumas regiões que temos de atravessar. Enfim! Far-se-á tudo pelo futebol nacional e pelo desejo de uma boa representação perante o público do País.

### Um Portugal-Inglaterra?

O dr. Vergílio Paula levará longe a sua amabilidade, proporcionando-nos pormenores interessantes sobre a actividade internacional do nosso futebol. Mas forneceu-nos ainda boas notícias, que traduzem o cuidado que merece à Federação de Futebol a actividade do popu-

# O Portugal-Espanha em Xadrez

(Continuação da página 5)

cama e acaba de jogar 1. Bc4. É o gambito escocês—uma abertura muito jogada no Norte. Passamos ao segundo tabuleiro, onde estão os mais fortes xadrezistas da Península: Medina e Lupi. Está acaba de tomar o PR como C. Optou pela defesa aberta da partida espanhola. No terceiro tabuleiro estão frente a frente Pires e Llorens. De novo uma defesa ortodoxa? Sim, mas com uma variante diferente: a defesa de Lasker. Deixamos Carlos Pires a reflectir sobre a continuação a seguir depois das trocas de BB em e7—e passamos ao quarto tabuleiro. Moura defronta Fuentes que já jogou contra nós na Olimpíada por correspondência. O espanhol quer jogar uma inglesa, mas Moura temia em propor a holandesa...

No 5.º tab. Russel fez o gambito de dama. Perez defende-se com a esnava. Passamos ao 6.º tab., no qual estão Albareda e Leonel Pias. Deparamos com uma abertura *River-moderna*: a *catalã* contra a *defesa indiana do Rei*. No 7.º tab. vemos Martinez Mocete e Nandín de Carvalho. O primeiro escolheu a mesma variante que Lupi estava jogando: a *defesa aberta da partida espanhola*. Nascimento opta pela *defesa fechada*—e logo Frias envereda por uma linha pouco vulgar: 6.Cxc6.

Assim tiveram começo as partidas da segunda sessão. A falta de espaço não permitiu a todos seguir os nossos apontamentos. Somos, pois, obrigados a registar que, disputadas todas elas, se verificou o seguinte resultado: Espanha 12,5 pontos; Portugal, 3,5 pontos. O nosso baptismo internacional no xadrez estava feito com um pesado resultado desfavorável.

Todavia, e em face da maneira como decorreu o encontro, o resultado não foi tão aversivo. A selecção espanhola estaria mais naturalmente indicado e exprimiria muito melhor o valor efectivo das duas equipas.

Resultados individuais: Arturo Pomar, 2 pontos—João Mário Ribeiro, 0; António Medina, 1—Francisco Lupi, 1; Rafael Llorens, 1—Carlos Pires, 1; Manuel Fuentes, 2—João de Moura, 0; Francisco Perez, 1,5—Gabriel Russel, 0,5; Miguel Albareda, 2—Leonel Pias, 0; Martinez Mocete, 1—Nandín de Carvalho, 0; António Frias, 1—Rui Nascimento, 1.

### As equipas e os jogadores

O conjunto espanhol era excelente e nitidamente superior ao nosso. O melhor xadrezista no país vizinho, além de contar com maior número de jogadores, possui-os de maior categoria. A sua preparação é metódica e feita em profundidade—para o que muito concorre o facto de serem treinados pelo célebre campeão mundial Alekhine, já nosso conhecido.

A equipa portuguesa era sensivelmente menos homogênea. Dos seus oito componentes, apenas dois eram na realidade bastante fortes. A representação portuguesa não pôde contar com o concurso de alguns xadrezistas de muito valor, como os drs. Mário Machado e Gabriel Ribeiro, e ainda com Mazoni da Costa. Com estes três elementos tornara-se a muito mais valiosa—e o resultado final seria diferente.

João Mário Ribeiro deixou-nos a impressão de possuir classe um tanto superior à do jovem prodígio Pomar, não obstante a desfavorável exibição do jogador português. A circunstância de nem sempre ter conseguido dominar os nervos diminuiu sensivelmente a sua capacidade. A última partida reflecte também o seu estado de espirito. Procurou o ataque, mesmo quando não devia fazê-lo, pois a decidida preferência pelo jogo aberto não se justificava, por falta de preparação técnica. Arturo Pomar, com os seus prometedores treze anos — que podem até passar por menos...—excedeu quanto dele esperávamos. Os nossos adversários têm razão em confiar no seu «niño», porque Pomar mostra, de facto, qualidades para ser um grande Mestre Internacional. Esta é também a opinião de Alekhine.

Lupi equilibrou muito bem a sua partida em grande parte do jogo mas pecou por excesso de reflexão, que o tempo de controlo pune inexoravelmente. No entanto! a sua actuação é digna de todo o relevo. A vitória obtida

sobre Medina, campeão de Espanha, na 1.ª sessão, revela a capacidade dos seus recursos e dá ideia das suas possibilidades num confronto internacional de grande importância. A resistência física é factor importante nas suas exhibições e precisamente a última partida dá-nos o exemplo do seu valor.

Medina, mais experimentado em competições de grande fundo, teve ocasião de demonstrar a sua classe. Na realidade, o ceptro de xadrez espanhol deve encontrar-se nas melhores mãos.

Carlos Pires teve comportamento excelente, se atendermos à má forma patológica dos últimos torneios. O seu adversário demonstrou, por sua vez, classe incontestável. Os empates foram propostos por ele em boas condições.

Digno do melhor elogio o cavalheirismo de Rafael Llorens, no último jogo. Vendo a partida empatada e Carlos Pires «apertadíssimo» pelo tempo, propôs as *tablas*, dando-nos a mais perfeita lição de espírito desportivo que é possível verificar-se no Xadrez.

João de Moura não foi o jogador metódico e seguro que conhecemos do Grupo de Xadrez de Lisboa. Assim, Fuentes limitou-se a explorar, aliás com perfeita mestria, as falhas de critério estratégico e posicional do adversário. Em ambas as partidas, o mestre castelhano f. n.izou com larga vantagem de material.

Em contraste com a primeira exhibição, Russel desenvolveu jogo inferior na segunda. Em compensação, Perez actuou muito bem nesse novo encontro.

Leonel Pias evidenciou, como o seu patricio João Ribeiro, grande desorientação, reflexo do mau domínio dos nervos. Melhorou muito na segunda partida, mas no final, com o empate à vista, sossobrou e perdeu. Albareda, se deu bem em provas na 1.ª sessão, também não ficou inferiorizado na 2.ª.

Quanto a Nandín de Carvalho, não está evidentemente preparado para partidas de tanta importância. Martinez Mocete excedeu as nossas melhores perspectivas: na última partida exibiu bom esquema de jogo de bloqueio e quando a tensão diminuiu a sua precisão de técnica foi notável.

Rui Nascimento será sempre quando quiser—porque possuído estefo igual a outros que passaram. A superioridade da sua classe ficou claramente demonstrada. A derrota que sofreu na última partida, após cinco horas de luta, e na qual desenvolveu excelente jogo, deve considerar-se um infeliz incidente provocado pela fadiga, ocasionado um prémio injusto para tão belo esforço. Frias deu boa réplica, principalmente na segunda sessão, e não deixou escapar a «chance» que se lhe ofereceu.

Um pormenor que merece ser sublinhado eloquentemente: a facilidade concedida à assistência, por meio de quadros que reproduziam fielmente os tabuleiros, pela qual todos puderam a guir em pormenor o desenrolar do memorável encontro.

VASCO SANTOS

## O NOSSO ULTIMO NUMERO

### dedicado ao encontro Portugal - Espanha

teve êxito enorme e esgotou-se imediatamente

O nosso último número, dedicado ao grande encontro de futebol entre as selecções de Portugal e Espanha, constituiu-se tão assinalado êxito que se esgotou rapidamente, nas primeiras horas da manhã, apesar do grande reforço de tiragem que fizemos e de só ter sido possível, precisamente por esse motivo, pô-lo à venda na quinta-feira.

Embora registemos já muitos números esgotados, é a segunda vez que Stadium alcança tão relumbante sucesso — a primeira verificou-se com a edição especial dedicada à inauguração do nosso grandioso Estádio.

Lamentamos ler de informar todos os inúmeros leitores e agentes, que nos escreveram ou telegrapharam — na nossa Administração receberam-se dezenas de telegramas e centenas de outros pedidos! — solicitando novas ramessas, ser-nos inteiramente impossível atender qualquer pedido.

Ano III—Lisboa, 21 de Março de 1945—II Série—N.º 120

## STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACCÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidónio João Gonçalves, 19, 3.º

TELEFONE 5 1146—LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA.—LISBOA

FERNANDO SA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA